

A SEMANA – 99

John Gledson

Esta crônica vai de assunto em assunto, tocando em alguns dos temas típicos do “fim de século”: o Oriente, cuja presença sentia-se cada vez mais; o socialismo, a que já Machado se referira várias vezes, quase sempre (como aqui) em tom cético, duvidando da sua aplicabilidade, mormente no contexto brasileiro; os inventos (o telefone, a bicicleta); e o declínio da religião, sobretudo no Brasil. Na anedota final sente-se talvez o alívio de ter uma história que contar.



A SEMANA

15 de abril de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Tudo está na China. De quando em quando aparece notícia nas folhas públicas de que um invento, de que¹ a gente supõe da véspera, existe na China desde muitos séculos. Esta *Gazeta*, para não ir mais longe, ainda anteontem noticiou que o socialismo era conhecido na China desde o século XI.² Os propagandistas da doutrina diziam então que era preciso destruir “o velho edifício social”. Verdade seja que muito antes do século XI, se formos à Palestina, acharemos nos profetas muita coisa que há quem diga que é socialismo puro. Por fim, quem tem razão é ainda o Eclesiastes: *Nihil sub sole novum*.³

A notícia da *Gazeta* deu-me que pensar. Creio que já li (ou estarei enganado) que o telefone também existia na China, antes de descoberto pelos americanos. O velocípede não sei, mas é possível que lá exista igualmente, não com o mesmo nome, porque os chins teimam em falar chinês, mas com outro que signifique a mesma coisa ou dê o som aproximado da forma original. O bonde verão que é já⁴ usado naquelas partes, talvez com outros cocheiros e condutores. Não falo dos grandes inventos que tiveram berço naquela terra prodigiosa.

Confesso que, às vezes, é a própria China que está com a gente ocidental. Há dias, por exemplo, houve aqui no conselho municipal um trecho de debate que talvez haja passado despercebido ao leitor ocupado com outros negócios.⁵ Um dos

¹ Talvez se trate de erro tipográfico ou de revisão: não se encontraram em obras de referência exemplos de uso da preposição “de” na regência do verbo “supor”. Aurélio nenhuma anotação faz a respeito.

² Efetivamente, ocorre na *Gazeta* do dia 13 de abril, p. 1, a seguinte notícia: “No século XI já havia socialismo na China, diz o Sr. A. Geres numa série de curiosos artigos publicados pelo *Mémorial diplomatique*. Os inimigos dos privilégios despóticos dos reis declararam já então que era mister *destruir tudo, e arrasar completamente o velho edifício social*. / Esta propaganda revolucionária foi sufocada pela energia de um tal Wang-Ngan-Thé.”

³ Eclesiastes 1:9.

⁴ Em Aurélio: “já é”.

⁵ Este incidente apareceu com todos os detalhes no *Jornal do Commercio* de 13 de abril. Num dos seus intermináveis discursos, o dr. Capelli (ver, entre outras, a crônica de 1º de abril), desta vez sobre o saneamento da cidade, fora interrompido pelo sr. Germack Possolo, que disse que não era só no Brasil

conselheiros, reclamando contra alguns apartes que lhe puseram na boca, afirmou estranhá-los, tanto mais quanto que nenhuma razão havia para proferi-los. E acrescentou, explicando-se: “Eu sou dos poucos que ouvem os discursos do meu colega.” Outro conselheiro protestou, dizendo que era dos muitos. Mas o reclamante insistiu que dos poucos, e lembrou que, por ocasião do último discurso, ele estivera ao pé da mesa, outro ao pé da porta, algum sentado, creio que, ao todo, havia uns cinco ouvintes. Se na China há conselhos municipais – e tudo há nela – é provável que os debates tenham desses clarões súbitos.

O que a China não faz, é deixar os seus trajes velhos, nem o arroz, nem o pagode, nem nada. Quando eu vejo aí nas ruas algum filho do Celeste Império mascarado com as nossas roupas cristãs, cai-me o coração aos pés. Imagino o que terá padecido essa triste alma desterrada, sem as vestes com que veio da terra natal. Jovem leitor, eu os vi a todos os que aqui amanhecera um dia e se fizeram logo quitandeiros de marisco.⁶ Vi-os correr por essas ruas fora, vestidos à sua maneira, longa vara ao ombro e um cesto pendente em cada ponta da vara. Ao italiano, que o substituiu, falta a novidade, a cara feia, a perna fina, rija e rápida...

Mas basta de chins e de incréus. Venhamos à nossa terra. Não nos aflijamos se o socialismo apareceu na China primeiro que no Brasil. Cá virá a seu tempo. Creio até que há já um esboço dele. Houve, pelo menos, um princípio de questão operária, e uma associação de operários, organizada para o fim de não mandar operários à câmara dos deputados, o contrário do que fazem os seus colegas ingleses e franceses.⁷ Questão de meio e de tempo. Cá chegará; os livros já aí estão há muito; resta só traduzi-los e espalhá-los. Mas basta principalmente de incréus; venhamos aos cristãos.

que havia estalagens – na Itália, por exemplo, havia os “lazzaroni” (que de fato são pessoas pobres, e não bairros ou prédios). Capelli reagira, pensando que se referia insultuosamente às suas origens italianas. No dia 12, bastante depois do incidente original, que só fora noticiado no *Jornal* do dia 11, Possolo vem se justificar: “Esta minha reclamação tem por fim retificar o engano havido no discurso do Dr. Capelli, e provar que S. Ex. foi injusto comigo, que sou dos poucos que neste conselho prestam atenção quando S. Ex. fala.” Aqui, o sr. Duarte Teixeira protestou “Dos poucos, não apoiado, dos muitos, sim”. Possolo, porém, insistiu: “Quando, há poucos dias, S. Ex. sustentava o seu projeto de saneamento desta cidade, propositalmente fiquei no recinto para que S. Ex. não supusesse que eu me retirara por acinte. Lembro-me perfeitamente de que a sala estava deserta.”

⁶ Aqui, como na crônica de 28 de outubro deste mesmo ano, Machado se refere aos – menos de mil – chineses que entraram no Brasil na década de 1850. Com efeito, há várias referências a eles como vendedores de peixe, inclusive na reportagem de João do Rio, “Visões d’ópio: os chins do Rio”, em *A alma encantadora das ruas*.

⁷ Parece que Machado se refere aqui ao Centro do Partido Operário, fundado em 1890 por José Augusto Vinhais, a que já se referira em duas crônicas de 1892 (15 de maio e 14 de agosto). Vinhais foi deputado no primeiro Congresso da República, mas, tendo feito oposição a Deodoro, acabou envolvendo-se na Revolta da Armada, e foi exilado, voltando ao Brasil em 1895. O Centro atuou na mediação de conflitos trabalhistas, estabeleceu serviços de assistência etc., mas não era “partido” político com representação no Congresso, como acontecia com os partidos trabalhistas e socialistas europeus.

Tivemos esta semana uma cerimônia rara. Uma moça de 23 anos recebeu o véu de irmã conversa da Congregação dos Santos Anjos.⁸ Não assisti à cerimônia, mas pessoa que lá esteve, diz-me que foi tocante. Eu quisera ter ido também para contemplar essa moça que dá de mão ao mundo e suas agitações, troca o piano pelo órgão, e o figurino vário como a fortuna pelo vestido único e perpétuo de uma congregação.

Certo, o espetáculo devia ser interessante. É comum amar a Deus e à modista, ouvir missa e ópera, não ao mesmo tempo, mas a missa de manhã e a ópera de noite.⁹ Casos há em que se ouvem as duas coisas a um tempo, mas então não é ópera, é opereta, como nos dá o carrilhão de S. José, que chama os fiéis pela voz de *D. Juanita*,¹⁰ ou coisa que o valha. Não há maldizer do duplo ofício do ouvido, uma vez que se ouça a missa de um modo e a ópera de outro... Isto leva-me a interromper o que ia dizendo, para publicar uma anedota.

Há muitos anos, houve aqui um tenor italiano, chamado Gentili, que fez as delícias, como se costuma dizer, da população carioca. Esteve aqui mais de uma estação lírica, talvez três ou quatro. Era simpático, patusco e benquisto. Fisionomia alegre, baixo, um tanto calvo, se me não engana a memória, e olhos vivos. Fez o que fazem tenores, cantou, amou, bateu-se em cena pelas amadas, arrebatou-as algumas vezes, salvou a mãe da fogueira, como no *Trovador*, viu-se entre duas damas, como na *Norma*,¹¹ assaltou castelos, tudo com grandes aplausos, até que se foi embora, como sucede a tenores e diplomatas. Passaram anos. Um dia, um amigo meu, o C. C. P.,¹² viajando pela Itália, achava-se, não me lembro onde, e não posso mandar agora perguntar-lho. Suponhamos que em Palermo. Era manhã, domingo, saiu de casa e foi à missa. Esperou; daí a pouco entrou o padre e subiu ao altar. Deus eterno! Era o Gentili. Duvidou a princípio; mas sempre que o celebrante mostrava o rosto, aparecia o tenor. Podia ser algum irmão. Acabada a missa, correu o meu amigo à sacristia; era ele, o

⁸ A cerimônia foi inusitada porque, no império, era proibido entrar para as ordens reclusas. A notícia, com certo destaque e com uma descrição da cerimônia, em Andaraí, apareceu na primeira página da *Gazeta* no dia 13 de abril.

⁹ Parece-me que Machado se lembra aqui de dois versos franceses engraçados, satirizando um padre, o abbé Pellegrin (1663-1745), que era também dramaturgo e libretista: “Le matin catholique et le soir idolâtre / Il dînait à l’église et soupait au théâtre” [De manhã católico e de noite idólatra / Almoçava na igreja e jantava no teatro].

¹⁰ Já na crônica de 3 de julho de 1892, Machado se queixara destes carrilhões – nesse caso, na igreja do Carmo. Neste também tocam música de opereta: “Amor tem fogo / fogo tem amor”. *Donna Juanita* é opereta de Franz von Suppé (1819-1895), representada pela primeira vez em 1880.

¹¹ Duas óperas das mais populares: *Il trovatore* (1853), de Giuseppe Verdi (1813-1901), e *Norma* (1831), de Vincenzo Bellini (1801-1835). Na ária talvez mais famosa de *Il trovatore* (“Di quella pira...”), Manrico jura salvar sua mãe, Azucena, da fogueira. Na *Norma*, Pollione deixa sua amante Norma, druidisa, por uma virgem do templo, Adalgisa.

¹² Não pude identificar este amigo. Magalhães Júnior sugere que será o mesmo C. Pinto, um do grupo de amigos que o presentearam com um retrato de uma “bela dama ruiva e descansada”, com um livro na mão, e que Machado agradece no “Soneto circular”, publicado na *Gazeta* em 18 de abril de 1895. Francisca de Basto Cordeiro, em *Machado de Assis que eu vi*, identifica como Caetano Pinto, mas não dá mais detalhes.

próprio, o único, o Gentili. Foi visitá-lo depois, falaram do Rio de Janeiro e dos tempos passados. Vieram nomes de cá, fatos, um mundo de reminiscências e saudades, que, se não eram inteiramente de Sião, também não eram de Babilônia.¹³ O padre era jovial, sem destempero.

Como ia dizendo, a cerimônia da recepção do véu deve ter sido interessante. Que não temos muitas vocações religiosas, parece coisa sabida. Ontem, vendo descer de um bonde um seminarista, lembrei-me da carta recente do ex-bispo do Rio de Janeiro, em que trata da escassez de padres ordenados no nosso seminário,¹⁴ – um por ano, há vinte anos. Não tendo estatísticas à mão, nem papel bastante, concluo aqui mesmo.



¹³ Referência ao Salmo 137, que Machado pôs em terças rimas. Essa “tradução” anda meio escondida, porque faz parte de um poema maior, “A cristã nova” (parte I, IX), de *Americanas*.

¹⁴ Não encontrei esta carta.